

Centro Champalimaud recebe doentes a partir de Junho

Cancro. Acordo entre fundação privada e Ministério da Saúde foi assinado a 30 de Março

ANA MAIA

O Centro Champalimaud, que se dedica à investigação e tratamento do cancro, vai receber doentes a partir do meio de Junho. O acordo entre a fundação privada e o Ministério da Saúde que permite o acesso a doentes do Serviço Nacional de Saúde (SNS) a tratamentos e ensaios clínicos foi assinado no final de Março. O cancro da mama é a primeira área a avançar.

“Os serviços clínicos são iniciados a meio de Junho. Iremos trabalhar as várias áreas [do cancro] de forma sucessiva. A primeira é a do cancro da mama”, disse Leonor Belez, presidente da Fundação Champalimaud, adiantado que a parte dos ensaios começará na mesma altura.

O centro vai também receber doentes do serviço público. “Está prevista a ligação com o SNS. O acordo entre a ministra da Saúde e a Fundação está feito e é mais amplo do que o tratamento de doentes. O centro funcionará como



Leonor Belez quer que o centro seja uma referência mundial

ENSAIOS

Seleção com base em critérios clínicos

Apesar de o centro não ter ainda aberto, foram já muitos os doentes que mostraram vontade em participar nos ensaios clínicos. “As pessoas têm uma grande expectativa em relação aos avanços que podem ser feitos. Temos muitas pessoas a contactar-nos, aqui e através de e-mail, a pedir para participarem”, disse Leonor Belez. Além do interesse do doente, a seleção será feita por critérios clínicos. “Perante o diagnóstico, haverá uma apreciação dos doentes com base em critérios médicos que serão difundidos pelas várias equipas que trabalhem connosco”, afirmou António Parreira.

uma plataforma, quer a nível da investigação quer do tratamento, em que poderão colaborar as instituições do SNS”, disse a ex-ministra da Saúde.

Ao DN, o Ministério da Saúde esclareceu que o acordo foi assinado no “dia 30 de Março”. O “protocolo estabelece os princípios gerais de cooperação e articulação na área de investigação em oncologia”, esclareceu fonte do gabinete da ministra Ana Jorge.

Segundo Leonor Belez, que ontem apresentou os directores clínicos e científicos do centro, “o objectivo é que possamos, em conjunto, participar em redes de ensaios clínicos não apenas com os doentes que são tratados aqui como os que são tratados no SNS, com médicos de ambos os lados”.

Relativamente aos tratamentos, a partilha será igualmente conjunta, podendo os doentes do SNS serem acompanhados por profissionais da fundação, assim como a instituição privada fazer uma primeira abordagem e encaminhar posteriormente os doentes para unidades públicas.

Para já, a equipa clínica é restrita, com “pouco mais de meia dúzia de médicos”, referiu o hematologista António Parreira. O director clínico do centro esclareceu que as aquisições não estão fechadas nem terminam no imediato, prevendo-se a contratação de mais profissionais.

Directores científicos e clínicos escolhidos

FUNDAÇÃO Hematologista português e dois radioterapeutas estrangeiros vão chefiar centro de luta contra o cancro

Zvi Fuks, radioterapeuta e investigador norte-americano de origem israelita, foi o escolhido para dirigir o Centro Champalimaud, em Lisboa. O anúncio foi feito ontem pela presidente da fundação, Leonor Belez. A ex-ministra da Saúde revelou ainda que o italiano Carlo Greco, também radioterapeuta, é o director da investigação e o hematologista português António Parreira fica à frente da direcção clínica.

“Esta é uma equipa muito forte que vai ajudar e ser determinante na aquisição de prestígio como centro de investigação clínica. Queremos que este seja um centro de nível mundial, que venha a fazer parte de uma rede internacional na investigação clínica do cancro”, reforçou Leonor Belez.

De acordo com a responsável, a radioterapia será uma das grandes na área da investigação. “Haverá uma forte componente terapêutica através da radioterapia. Temos dois radioterapeutas de renome mundial que nos permitem ter



Zona dos gabinetes médicos

uma ambição muito grande na inclusão desta área como decisiva no tratamento do cancro”, acrescentou.

António Parreira explicou que a radioterapia “é um instrumento muito poderoso e que pode ser explorado de forma mais eficaz e num enquadramento multidisciplinar”.

Questionada sobre se a crise actual pode ter implicações no investimento a fazer no centro, a presidente da fundação disse apenas que a situação “leva a que exista um enorme cuidado na gestão de activos”. A.M.